

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Diário de Pernambuco Class.: 33

Data 11 de setembro de 1989 Pg.: _____

190 Nomes indígenas

A nomeação ou nomenclatura das pessoas continua sendo como sempre foi, através de todos os tempos. Mesmo para dar nomes a animais domésticos, observa-se que nunca deixou de existir uma certa preocupação: os interessados perdem-se algumas vezes em indagações de como deverá chamar o cão, o gato, o cavalo a que vai dedicar seus cuidados e carinhos de dono.

Com relação aos semelhantes, é claro que ainda deve ser maior a preocupação em dar nome a crianças recém-nascidas e assim, algumas ocasiões perde-se até muitos dias na consulta com parentes, amigos e mesmo com livros que contenham nomes de agradável ressonância ou de sentido histórico e cultural significativo.

A propósito disso, vale registrar a recente publicação sobre o assunto, que o Serviço de Ação Cultural de Pernambuco acaba de lançar editorialmente: um dicionário organizado à base de nomes próprios usados pelos indígenas brasileiros onde se assinalam, com a significação respectiva, vocábulos de origem tupi-guarani e de tribos indígenas remanescentes como a xavante, ticuna, carajá, camaiurá, assurini, nambiquara ou bororó.

Trata-se de um trabalho da autoria de Maria Isolda Cavalcanti - uma estudiosa da linguagem indigenista - para cuja realização foram consultadas cerca de 22 fontes bibliográficas num longo período de pesquisas. Sua finalidade, além daquela caracterizadamente cultural e lingüística, é a de esclarecer os pais desejosos de batizar seus filhos com nomes de natureza primitivamente brasileira, e os portadores, mesmo, de tal nomenclatura que ignoram o que vem a ser Guaraci, Arajari, Jacy, Cauby e tantos

outros da onomástica tupi-guarani.

No Brasil, desde o passado colonial, é comum a adoção em famílias de nomes de procedência indígena. A história está cheia de personagens nomeados com as palavras dos índios. Primeiro se fez com propósitos românticos e nativismos; depois até por razões políticas-religiosas - o caso dos cristãos-novos que, como judeus fugiam da Europa apavorados com a Inquisição, passando a usar não apenas nomes indígenas como nomes de plantas, de árvores, das frutas silvestres brasileiras. Também os portugueses vindos como colonos, em certa fase, buscaram nomes naturais do Brasil para demonstrar que pretendiam abraçar-se, colaborar definitivamente na construção de uma nova pátria.

Dessa forma cabe ressaltar indiscutivelmente valiosa a utilidade do dicionário da Funai, inclusive porque de certo modo contribui para uma afirmação cada vez mais expressiva no sentido de uma imaginada nacionalização da língua que falamos.

Existem, já, dicionários do idioma tupi-guarani, como o clássico de Gonçalves Dias, como um dicionário de nomes de batismo do Padre Valdomiro Pires Martins - léxico onomástico de nomes canônicos e profanos - e até os de nomes estrambóticos e exóticos - do etnólogo Mário Souto Maior - usados e recusados na pia batismal. Mas de certa maneira não se conhecia ainda, um dicionário de nomes próprios destinado a servir e esclarecer quem pretende dar ou já tem nomes indígenas. Esse agora da Funai vem a calhar. As Jaciremas, Iracemas e Moemas precisam de saber a razão de seus doces e poéticos nomes autenticamente nativos.